

Revisitando a cena primária

Revisiting the primal scene

Daniela Bergesch D`Incao¹

Fernanda Bernd²

Karina Recktenvald³

Maria Célia Detoni⁴

Roberto B. Graña⁵

Resumo: O presente artigo objetiva fazer uma revisão crítica e abrangente na literatura psicanalítica do conceito de cena primária. Para tanto, disserta-se sobre ideias de Freud, Klein, Laplanche, Winnicott e Lacan. Por fim, conclui-se que, além de sua função organizadora das relações e do circuito erótico/agressivo do indivíduo, a cena primária representa o cerne da experiência de exclusão – reatualizada constantemente ao longo da vida.

Palavras-chave: Cena primária. Exclusão. Fantasias primitivas.

Abstract: This paper aims to make a comprehensive and critical review of psychoanalytic literature about the primal scene concept. For that, subject is analyzed based on ideas from Freud, Klein, Laplanche, Winnicott and Lacan. Finally, it is concluded that, in addition to its function of organizing the individual's relations and the erotic / aggressive circuit, the primal scene is the crux of the experience of exclusion – constantly reupgraded throughout life.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta, Especialista em Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias da Infância, Adolescência e Idade Adulta. Endereço para correspondência: dbdincao@gmail.com

² Psicóloga, Psicoterapeuta de orientação analítica. Endereço para correspondência: ferbernd@hotmail.com

³ Psicóloga, Psicoterapeuta, Especialista em Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias da Infância, Adolescência e Idade Adulta. Endereço para correspondência: karinareck@gmail.com

⁴ Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre pela UFRGS. Endereço para correspondência: Felipe Camarão 664/402, Bom Fim, Porto Alegre/RS. Telefone: (51) 3312 6980. E-mail: mcdetoni@gmail.com.

⁵ Psicanalista, Membro titular da IPA. Membro convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor e Supervisor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade (Porto Alegre). E-mail: rbgranha@gmail.com

Keywords: Primal Scene. Exclusion. Primitive Fantasies.

Introdução

Um ventre vazio carrega potencialidades. A gênese da vida se encontra sintetizada em pequenos espaços de vazios-prenhes. Lá estivemos todos os que nascemos, desde a presença desejante, ou não, da filiação. Sob a forma de desejo a realizar, sob a forma de desejo frustrado, habitamos, em princípio, a ausência.

Do ato que fecunda a origem da vida – entre dois – não faz parte o ser que deste enlace se engendra. Esta cena amorosa dos pais, da qual um filho está excluído por princípio, será vivida, infinitamente, pelo sujeito no sentimento de estar ou não incluído, ser ou não importante ao outro. Central ao narcisismo: o indivíduo não foi convidado ao banquete de sua própria criação. Qual será, portanto, sua efetiva importância ao outro? Tende a adotar como premissa de reconhecimento que, se está incluído, é supostamente importante.

É justamente o paradoxo que nos dá origem, e que nos exclui como protagonistas, que fará da cena primária/primordial um tema não só importante para a psicanálise, mas prenhe de incógnitas para todo vivente. Na cena primária, protótipo de uma das mais arcaicas angústias que perpassam o ser humano, marca-se o enigma: aquilo do que nunca se sabe o suficiente.

Revisitando a cena primária

Em 1910, Serguéi Constantinovitch Pankejeff, o “Homem dos Lobos”, 22 anos de idade, inicia sua análise com Freud (1918/1996). Nesta época, estava com a saúde abalada em função de uma gonorréia infecciosa, encontrando-se incapacitado e dependente do cuidado de outros. Nos dez anos que precederam a doença, teve uma vida relativamente normal, embora, durante seus primeiros anos de vida, tenha sofrido de uma histeria de angústia em forma de fobia animal, o que, posteriormente, se transformou em uma neurose obsessiva de conteúdo religioso que perdurou até os dez anos. Neste caso clínico, portanto, trata-se de uma neurose

infantil que foi analisada somente quinze anos após o seu fim e relatada minuciosamente por Freud, trazendo pela primeira vez à luz aspectos da cena primária e de sua relação com a fantasia de castração em momentos iniciais do desenvolvimento infantil. Na nota de Strachey referente a este capítulo, ele afirma ser este o mais importante dos casos clínicos descritos por Freud. Para Roudinesco (1998, p.108), este trabalho representa “a mais extraordinária cena primária da história da psicanálise”, e segundo Laplanche (1988a), é o estudo no qual as fantasias originárias estariam mais bem caracterizadas.

A curiosidade infantil acerca de temas relacionados à sexualidade – especialmente “à relação sexual entre os adultos” – é facilmente passível de observação (FREUD, 1905/1996, p. 185). Basta conviver com crianças pequenas para ouvir seus questionamentos sobre a intimidade dos pais, sobre os usos secretos dos corpos e testemunhar a intensa curiosidade que as leva, por exemplo, a beijar um coleguinha de escola na boca ou acompanhá-lo ao banheiro para dar uma espiadela no que ele (a) esconde por debaixo das roupas.

Ao longo de sua obra, Freud dedica-se a desenvolver este tema e afirma que a origem da curiosidade sexual infantil é bastante precoce. A partir de sua prática clínica com adultos, percebe que, reiteradamente, “na história dos anos iniciais da vida dos neuróticos”, identificam-se “recordações que raramente estão ausentes” e que requerem especial atenção do analista. Alguns dos temas centrais que envolvem estas lembranças relacionam-se à “observação do coito dos pais, sedução por um adulto e ameaça de ser castrado” (FREUD, 1917/1996, p. 371).

Freud comenta que “não apenas em famílias proletárias é perfeitamente possível que uma criança, enquanto ainda não se julga possuir compreensão ou memória, seja testemunha do ato sexual dos pais ou de” outros adultos. Situações como essas são corriqueiras nas casas de muitas famílias de diferentes classes sociais até os dias de hoje; cita-se como exemplo as crianças que dormem até mais tarde no mesmo quarto dos pais, os quais mantêm relações sexuais em sua presença e afirmam: “mas ela está dormindo” ou “mas a gente não faz barulho”. Na visão de Freud, o fato da criança não ser capaz de compreender o que percebe

não reduz as marcas psíquicas que a cena deixará, pois se deve considerar “a possibilidade de que a criança será capaz de entender e reagir a essa impressão retrospectivamente⁶” (FREUD, 1917/1996, p. 371; 1918/1996).

A criança constrói teorias a fim de tentar dar conta da intensidade dos afetos despertados pela percepção da cena primária. Observa, por exemplo, como transcorrem as relações sexuais entre os animais ou tenta solucionar o “mistério em alguma atividade conjunta proporcionada pelas funções de micção ou defecação” (FREUD, 1905/1996, p. 185; 1917/1996). No caso do Homem dos Lobos, Freud (1918/1996) levanta a hipótese de que a cena observada por seu paciente quando criança, que colaborou para a construção da sua fobia, poderia ter sido a cópula entre animais. A partir desta, ele pode ter deduzido que o coito entre seus pais dar-se-ia da mesma forma. A conclusão das investigações infantis sobre a cena primária direciona-se, comumente, para uma percepção violenta do ato em si – uma “concepção sádica do coito⁷” (FREUD, 1905/1996; 1908/1996, p. 199).

Freud assinala ainda outro aspecto a ser considerado: a cena primária não precisa, necessariamente, ter ocorrido na realidade. Isto porque ela faz parte de um conjunto que o autor denomina de “fantasias primitivas”, “primevas” ou “originárias” (*urphantasien*): “Entre o acervo de fantasias inconscientes de todos os neuróticos, e provavelmente de todos os seres humanos, existe uma que raramente se acha ausente e que pode ser revelada pela análise: é a fantasia de observar as relações sexuais dos pais. Chamo tais fantasias – da observação do ato sexual dos pais, da sedução, da castração, e outras – de fantasias primevas” (FREUD, 1915/1996, p. 276; 1917/1996; 1918/1996).

Tais fantasias seriam transmitidas entre as gerações, constituindo, portanto, um acervo filogenético – e aqui a influência das ideias de Jung sobre Freud se faz sentir mais que em qualquer outra oportunidade. “Todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise,

⁶ Grifo do autor.

⁷ Grifo do autor.

como fantasia” – por exemplo, a cena primária – “foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica” (FREUD, 1917/1996, p. 373; 1918/1996).

A investigação psicanalítica concluiu que, mesmo que tais experiências tenham sido esquecidas, são capazes de deixar “os mais profundos rastros” na “vida anímica” e de tornarem-se “determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior”, conforme afirma Freud (1905/1996, p. 165). A amnésia infantil – provocada pelo recalçamento – é a responsável por ocultar, até mesmo do próprio indivíduo, os primórdios de sua vida sexual. É, ainda, a culpada pelo pouco valor que a sociedade costuma dar para a sexualidade infantil – principalmente na época de Freud. No caso do Homem dos Lobos, ele (1918/1996) argumenta que as dúvidas com relação à credibilidade podem orbitar em torno de três pontos: a capacidade de uma criança desta idade absorver a percepção e preservá-la acuradamente no seu inconsciente; a possibilidade de, aos quatro anos, o menino fazer uma revisão transferida de suas impressões e que estas sejam passíveis de serem compreendidas e, por último, a chance de uma cena tão precocemente vivenciada trazer a tona detalhes deste tipo de recordação experimentada e entendida considerando-se sua idade. Outro ponto a ser destacado é que as lembranças e “impressões” infantis “realmente significativas” sofreram um processo de deslocamento e, assim, ligaram-se a “lembranças indiferentes da infância”. Eis as “lembranças encobridoras” descritas por Freud (1901/1996, p. 59), que explicam um dos motivos pelos quais nem sempre é possível acessar facilmente vivências e fantasias relacionadas à cena primária.

Assim como Freud, Klein (1991, 1996, 1997) assinala que a cena primária – real ou fantasiada – deixa marcas no inconsciente do indivíduo. Por seu importante papel no psiquismo, a autora faz desta ideia um tema bastante presente em sua obra. A fim de ilustrar a relevância de tal conceito, passemos os olhos nos casos clínicos apresentados por ela.

Em vários casos ficou claro que o teatro e o concerto, ou melhor, toda apresentação onde há algo para ser visto ou ouvido, sempre representam um coito entre os pais.

Ouvir e olhar simbolizam a observação real ou fantasiada, enquanto a cortina significa os objetos que impedem a observação, como os lençóis, o pé da cama, etc. Citarei um exemplo: a pequena Grete certa vez me falou de uma peça no teatro. Primeiro, ficara aflita porque seu lugar não era muito bom e fora obrigada a ficar afastada do palco. Mas logo chegou à conclusão de que podia ver melhor do que as pessoas que estavam perto, pois estas não conseguiam ver o palco inteiro. Suas associações então levaram à posição das camas das crianças no quarto dos pais, arrumadas de tal maneira que seu irmão mais novo dormia perto da cama dos pais. As costas da cama, porém, dificultavam sua visão, enquanto a cama da menina ficava mais longe e ela podia enxergar os pais com perfeição (KLEIN, 1991, p. 125).

Pode-se observar que Klein (1996, p. 251) empenha-se para compreender as produções imaginárias que as crianças criam acerca do coito entre os pais. Uma das fantasias descritas por ela é a seguinte: o pênis paterno – ou todo o seu corpo – “se incorpora à mãe durante o ato sexual”. Também é possível imaginar que seja a mãe quem contenha o pênis do pai ou o seu corpo inteiro. A ideia central é de que os pais estão unidos, fusionados na relação sexual; assim, Klein introduz um conceito chave em sua teoria: a figura dos pais combinados. Esta é considerada por ela uma fantasia típica dos primeiros estágios da conflitiva edípica, que, caso mantenha-se forte e ativa, prejudicará as relações objetais e a sexualidade do sujeito (KLEIN, 1991, 1996, 1997).

Jean Laplanche (1988b), através de sua teoria da sedução generalizada, relativiza as construções e os conceitos fundamentais da psicanálise como o da sedução infantil, onde se insere a cena primária, e as próprias origens do inconsciente. Ele considera a busca da realidade do coito parental como um dos pontos frágeis da neurótica freudiana. Este seria, segundo crê, um dos motivos que levou Freud a abandonar esta teoria em 1897. Para o autor (1988a, p. 166-167), a “fantasia da cena primitiva”⁸ é, de alguma forma, “a versão triangular da fantasia de sedução”. Em ambas as fantasias “a criança é iniciada, introduzida em algo que lhe é estranho e reencontramos a dupla vertente: uma vertente negativa – a da frustração e da

⁸ Laplanche (1990) aponta as diferentes nuances encontradas na tradução da “cena primária” e seus desdobramentos na construção desta ideia. Por muito tempo a tradução de *Urszene* para o francês foi *scèneoriginale*, seriam as cenas verdadeiras. Posteriormente, este termo será utilizado para referir-se exclusivamente a observação do coito parental presenciado pela criança. Em seus trabalhos de tradução e pesquisa da terminologia freudiana, Laplanche traduz o prefixo – *Ur* – por originário. O originário seria algo que transcenderia e repousaria no tempo, fundando a subjetivação do próprio sujeito.

raiva da criança posta em presença de algo que ela não participa [...]; mas também, evidentemente, um aspecto de excitação, de desejo, traduzindo-se, aliás, no próprio esquema da cena primitiva por uma excitação sexual pré-genital”. Ele situa a cena primária como precursora das fantasias de sedução originárias.

Jean Laplanche (1988a) retoma quatro características essenciais da teoria da sedução restrita, abandonada por Freud em 1897: o adulto enquanto agente obrigatório da sedução, a sedução infantil, a passividade essencial da criança e o encadeamento das cenas, com objetivo de expandir a noção de sedução e construir o que doravante, chamaria de teoria da sedução generalizada. Este autor (LAPLANCHE, 1988a; 1988b) não considera a cena primária como traumática em si mesma, ela transforma-se em traumática a partir da existência de uma segunda cena. É através de uma re-significação que lhe é conferida um sentido. É o tempo e o modo em que opera o *après-coup*, o tempo de um segundo tempo que dá sentido e significado ao primeiro. O objetivo do autor (1992) é descentrar a ideia de fundante do que vem primeiro, pensando em um modelo de uma espiral e não de um contínuo unidirecional. “Nada se inscreve no inconsciente humano, se não na relação de ao menos dois acontecimentos separados, no tempo, por um momento de mutação que permite o sujeito reagir de forma diferente da primeira experiência” (LAPLANCHE, 1988b, p. 111).

Laplanche (1988b) afirma que a criança que assiste a cena originária é tão passiva quanto aquela que é sexualmente seduzida pelos adultos. Ele salienta o despreparo somático, afetivo, psíquico e intelectual para as experiências de sedução e, principalmente, para o contato com a sexualidade adulta. Portanto, em um primeiro tempo da experiência traumática de sedução, a criança encontra-se em uma etapa anterior à irrupção da sexualidade, apenas em um segundo momento, na puberdade, seria quando ela ressignificaria a sedução infantil.

A cena originária, segundo o autor (1988b), não pode ser nivelada às fantasias originárias. A cena da relação sexual dos pais é por si só, sedução para a criança, no sentido de sedução originária⁹. Contudo, ele ressalta que na sedução originária encontram-se

⁹ O termo sedução originária é qualificado por Laplanche (1988b, p. 119) como a “situação fundamental na qual

mensagens que não se relacionam com o “atentado sexual”, como, por exemplo, o enigma da vinda de outra criança e a diferença entre os gêneros. Ambas mensagens, são traumáticas, devido à impossibilidade dos adultos de explicarem isto, até a si mesmos. As inscrições não ligadas das mensagens enigmáticas endereçadas do adulto, carregadas de energia, é que possibilitarão a fundação do inconsciente. Já a concepção freudiana de fantasmas originários filogeneticamente transmitidos é abertamente rejeitada por Laplanche. No *post-scriptum* do livro em que aborda esta temática, ele escreve:

Em minha opinião, é por ter deixado de perceber a situação originária de sedução, verdadeiro irreduzível além do qual não é necessário (nem possível) regredir no tempo, que Freud se envolve nesta corrida de regressão pré-histórica, uma corrida que seus sucessores embelezaram e enobreceram falando de dimensão mítica. Mas não cria um mito quem quer! Em minha opinião, somente os povos, e outros tipos de coletividade, são capazes disto (LAPLANCHE, 1988b, p. 125).

Outro ponto relevante na obra de Laplanche (1990) que podemos relacionar com seu questionamento sobre a procura da verdade de Freud, a partir da busca do acontecimento factual relacionado à cena primária, seria sua posição quanto à importância da realidade, objetiva e subjetiva, para o psiquismo, quando salienta que não é dever do psicanalista julgar se tal acontecimento foi ou não real. Segundo o autor, a análise das fantasias se dá como *epoché* – suspensão absoluta de todo julgamento de realidade. Ela não se resume na suspensão da realidade objetiva (externa) em proveito da realidade subjetiva; trata-se da formação de um campo novo, onde a diferença entre real imaginário conserva seu valor. Ele (1990, p. 19) cita como exemplo a situação de uma pessoa adotada que fantasia ser filha de uma prostituta. Fantasia semelhante poderia provir de outro indivíduo, não adotado, mas também mergulhado nos típicos romances familiares. “A suspensão da referência à realidade torna-se um ‘é você quem o diz’, essencialmente denunciador: ‘Tudo isso é subjetivo’”.

o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes.

O novo campo, sugerido, mas não suficientemente explicado por Laplanche, será talvez articulável com a noção de campo transicional (*transitional field*) de Winnicott, o autor que levou em frente a postulação de Freud de um *zwischenreich* (um interregno) situado entre a realidade interna e a realidade exterior.

Na obra de Winnicott, entretanto, a temática da cena primária não é frequente. Ela aparece, por exemplo, na compreensão psicodinâmica do brinquedo no caso clínico de Lawrence – na qual o autor parece estar ainda fortemente identificado com as ideias de Melanie Klein – quando o menino manipula algumas espátulas oferecidas por Winnicott (1936/2000) e diz estar brincando de trens. Escreve Winnicott:

Os trens se movem, se encontram, juntam-se, separam-se passam dentro de túneis, sobre pontes, e de vez em quando colidem. A fantasia diz respeito à cena primária. [...] Aqui não há inibição do apetite, mas ansiedades especiais com as quais ele precisa lidar, ansiedades quanto ao relacionamento entre os pais em termos das fantasias do menino (WINNICOTT, 1936/2000, p. 110).

Outro lugar em que a expressão “cena primária” aparece é no caso clínico de uma menina de três anos que, desde um ano de idade, apresentava um quadro preocupante de anorexia. Winnicott (1962/1983) explica que os conteúdos edípicos e relativos à cena primária apareciam claramente na análise da menina.

Mas seu conflito edípico se iniciou em seu primeiro aniversário, quando pela primeira vez ela sentou à mesa com seus pais. A criança, que não tinha apresentado problemas anteriormente, estendeu a mão para a comida, solenemente olhou para os pais e retirou a mão. Assim se iniciou uma anorexia severa exatamente no primeiro ano. No material da análise a cena primária apareceu como uma refeição, às vezes os pais comendo a criança, enquanto outras vezes a criança virava a mesa (cama) e destruída toda a combinação (WINNICOTT, 1962/1983, p. 159-160).

A principal contribuição do autor sobre o tema em questão, porém, é apresentada em seu artigo “A capacidade de estar só”. Para Winnicott (1958/1983, p. 33), ser capaz de estar só “depende de sua capacidade de lidar com sentimentos gerados pela cena primária”. Sendo assim, pode-se pensar na relevância do tema, afinal, para o autor, a capacidade de ficar só é um dos principais sinais da maturidade emocional do indivíduo.

A cena primária, a qual é comumente “percebida ou imaginada” como uma relação excitante entre os pais, é aceita pela criança saudável. A raiva despertada pelo sentimento de exclusão serve como combustível para a masturbação, cuja “responsabilidade inteira pela fantasia consciente e inconsciente” é tolerada pela criança – a terceira pessoa numa relação triádica. Nesta situação, a capacidade de estar só evidencia a “maturidade do desenvolvimento erótico, a potência original genital ou a aceitação correspondente na mulher”. Representa, além da “fusão de impulsos e ideias agressivas e eróticas”, a “tolerância da ambivalência”. É importante destacar também que, paralelamente, ocorre a identificação do indivíduo com “cada um dos seus pais” o que é utilizado pela criança para uma compreensão dos lugares na cena erótica ,i.e. para sua futura inserção no cenário sexual (WINNICOTT, 1958/1983, p. 33).

Ao contrário dos aspectos destacados pelos autores supracitados, Winnicott introduz um novo viés, a partir do qual o foco é retirado da questão estritamente sexual (o coito) e direcionado para os sentimentos de exclusão, de não pertencer, de ficar fora de algo supostamente importante e prazeroso (ex: não fazer parte da “panela”, não ser convidado para aquela festa, não haver ingressado em determinada empresa ou universidade, etc.). A questão que, psicanaliticamente, se coloca é: como administrar “maduramente” tais fantasias e emoções que perpassam todas as vidas constantemente?

Em Lacan, o grande metaforizador de Freud, a questão da cena primária adquire importância a partir da sua descrição do que denomina “complexo de intrusão”, ou “complexo fraterno”, o qual sucede o complexo do desmame e antecede o complexo de Édipo (LACAN,1938/2002). Lacan retoma a pungente lembrança de Santo Agostinho do nascimento de seu irmão mais novo e a dor de ser destronado por este e de observá-lo, consumido pelo ciúme e pela inveja, acomodado no colo de sua mãe durante a amamentação. O complexo de intrusão prepara o advento do complexo de Édipo, que deslocará o sujeito de uma contingência de intrusão imaginária para a efetivação da intrusão simbólica, a que poderemos já denominar exclusão edípica, onde a figura do pai (e a operância do significante paterno) assumirá uma eficácia interditiva subjetivante.

Para Lacan, entretanto, tanto o complexo de Édipo como a cena primária são indicativos imaginário/simbólicos da matriz ternária a partir da qual se estruturam as relações humanas. Neste sentido, a ideia de um complexo de Édipo evolutivo, que se evidencia apenas a partir do terceiro ano de vida, que traria em seu centro a fantasia (desejo) de possuir a mãe e eliminar o pai, e que era para Freud tão naturalmente determinado como a segunda dentição, deverá ser incorporada à ideia de estrutura. Sua descrição prescinde, portanto, da recorrência à tragédia sofocleana, e deve ser reenunciada, sobretudo, em bases relacionais. Seu recalçamento, portanto (do complexo e da cena), atende à necessidade de inserção social/simbólica numa estrutura vincular em que a pregnância da metáfora paterna afirma os limites de tolerância da expressão dos impulsos amorosos e agressivos.

Veja-se quão distintamente Lacan descreve esta dramática que envolve a percepção da relação dual e do “estar fora”, do estar privado de compartilhar as trocas supostas altamente prazerosas entre dois outros que não o sujeito, em 1936:

Assim, sabe-se que a criança percebe certas situações afetivas como, por exemplo, a união particular de dois indivíduos num grupo, com uma perspicácia bem mais imediata que a do adulto; este, com efeito, malgrado sua maior diferenciação psíquica, é inibido, tanto no conhecimento humano quanto na condução de suas relações, pelas categorias convencionais que o censuram (LACAN, 1936/1998, p. 92).

Em seu Seminário do ano 1964 (*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*), Lacan (1964/1985) retoma a cena primária no contexto do trauma, daquilo que do real sempre retorna. Pergunta-se, então, porque ela é tão traumática, por que ela é muito cedo ou muito tarde, porque o sujeito encontra nela prazer demais ou de menos, e por que ela não desperta logo o sujeito se ela é tão profundamente libidinal? E apresenta sumariamente como resposta:

Trata-se, na experiência analítica, de partir do fato de que, se a cena primitiva é traumática, não é a empatia sexual que sustenta as modulações do analisável, mas um fato factício. Um fato factício como o que aparece na cena tão ferozmente

acossada na experiência do homem dos lobos – a estranheza do desaparecimento e reaparecimento do pênis (LACAN, 1964/1985, p.71).

Realça assim não apenas a natureza artificial da fantasia insuflada pelo imaginário infantil, como o fato de que se ela emerge como experiência vivida no relato do paciente analítico é, frequentemente, por conta de alguma pressão excessiva (acosso) por parte do analista, e principalmente como abrigando em si uma reelaboração de fantasia primitiva onde o que está centralmente posto em questão é presença-ausência, que ao ser retranscrita imaginariamente no nível fálico-genital infantil assume a forma tardiamente da castração peniana.

Palavras finais

A redescção da cena primária, conforme está sugerida ao longo desta revisão crítica da formulação freudiana original, assume, como se depreende da leitura, a forma e a função de um organizador precoce das relações e do circuito erótico/agressivo do sujeito humano. De forma simples e mundana, ela está implicada nas experiências que, em diferentes fases da vida, o sujeito vive como excludentes. Aquilo do que se está sendo excluído é, sem dúvida, fantasiado como uma situação altamente prazerosa compartilhada entre dois, ou mais, outros, e da qual o sujeito é sadicamente privado. A experiência de não ser convidado para uma festa na qual sua presença se supunha importante, de não haver ingressado numa corporação (universidade, instituição, empresa, etc.) onde se esperava maiores ganhos ou reconhecimento, de haver sido desprezado por alguém a quem se creditou afetos e esperanças de felicidade, ativa comumente esse mesmo núcleo imaginário que concentra uma intensa carga emocional. Poder ter ciência de que a indicação clara ou indireta da cena excludente atravessa o contexto das relações humanas incessantemente, pelo simples fato de estar na origem das privações necessárias à inserção do sujeito na ordem simbólica, poderá colocar o analista mais à vontade para operar compreensiva e interpretativamente com esta formação inconsciente, evitando recorrer a formas reificadas de enunciação que comumente conduzem

a lugar nenhum e convidam à racionalização defensiva, como o lugar comum em que se alude à observação ou fantasia do intercurso parental.

Referências

FREUD, S. (1901). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 06).

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 09).

_____. (1908). **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 09).

_____. (1915). **Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1917). **Conferência XXIII – os caminhos da formação dos sintomas**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 16).

_____. (1918). **História de uma neurose infantil**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17).

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LACAN, J. (1936). Para além do princípio de realidade. In: _____ Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1938). **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. (1964). **O Seminário – 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J. **Castração simbolizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b.

_____. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **O inconsciente e o id**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WINNICOTT, D. W. (1936). O apetite e os problemas emocionais. In: **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

_____. (1958). A capacidade para estar só. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. (1962). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.